

# “O LÁBARO”

PENSAMENTO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

WWW.JORNALOLABARO.COM.BR

SESSÃO SOLENE HOMENAGEIA  
CARLA SIMONE E  
CLÁUDIO GONÇALVES.

**Página 3**

PORTAL DO CEMITÉRIO DA  
SANTA CRUZ: A PORTA QUE  
GUARDAVA A MEMÓRIA.

**Página 8**

TRAVESSIA DO  
CERRADO RUMO  
AO ARAGUAIA.

**Página 10**



Quando cada tijolo de adobe guarda uma memória, e cada memória sustenta uma cidade, Paracatu vê a Igreja de São Sebastião renascer, e com ela, a alma de seu povo.

**Página 4**

**CHEGA** DE VIOLÊNCIA  
CONTRA A MULHER

SE FOR VÍTIMA OU TESTEMUNHA,  
LIGUE 190 E PROCURE  
A DELEGACIA MAIS PRÓXIMA.

AS DEPUTADAS E OS DEPUTADOS ESTADUAIS  
ESTÃO NA LUTA PELA VIDA DAS MULHERES.

ACESSE O QR CODE  
E SAIBA COMO  
SE PROTEGER.  
[almg.gov.br/  
semprevivas](http://almg.gov.br/semprevivas)



ASSEMBLEIA  
LEGISLATIVA  
DE MINAS GERAIS

Poder e voz do cidadão





## Entre o grito e a escuta: o Brasil diante de si mesmo

O Brasil chega a 2026 como quem atravessa uma ponte longa demais, sustentada por cordas esticadas ao limite. Ano de eleições gerais, com a escolha do próximo presidente da República, governadores, senadores e deputados, o país volta a ser convocado às urnas enquanto ainda carrega as feridas abertas de um passado recente marcado pela radicalização, pela intolerância e pela erosão do diálogo público.

A polarização política, longe de ser apenas um traço do debate democrático, transformou-se em método, linguagem e estratégia. Alimentada por algoritmos, desinformação e discursos que reduzem o adversário a inimigo moral, ela mantém o país em permanente estado de tensão. Não se trata apenas de divergência de projetos, o que é legítimo, mas da construção deliberada do conflito como combustível eleitoral. O resultado é um ambiente em que o dissenso vira ódio, e o ódio, rotina.

O discurso de ódio, cada vez mais “democratizado”, não se limita aos palanques. Ele se infiltra nas redes sociais, nas famílias, nos ambientes de trabalho, corroendo laços e naturalizando a desumanização do outro. Quando lideranças políticas flertam com essa lógica, ou se omitem diante dela, a democracia perde densidade. O debate público empobrece, as instituições se fragilizam e a política deixa de ser instrumento de construção coletiva para se tornar arena de ressentimentos.

É nesse ponto que a empatia deixa de ser palavra abstrata e passa a ser exigência democrática. Ouvir o outro, reconhecer a legitimidade da diferença e sustentar o diálogo mesmo diante de discordâncias profundas não é sinal de fraqueza, é condição para a convivência em uma sociedade plural. A democracia não se mede apenas pelo direito ao voto, mas pela capacidade de transformar conflito em debate e debate em soluções concretas para problemas reais: desigualdade persistente, crescimento



econômico instável, crises ambientais e sociais que não se resolvem com slogans.

Essa tarefa não cabe apenas aos políticos. Cada cidadão é agente ativo desse processo. Compartilhar informações sem verificar, reproduzir ataques pessoais, reduzir o debate a rótulos ideológicos são escolhas individuais com impacto coletivo. O próprio presidente Lula já alertou para os danos de um país excessivamente “algoritmizado”, em que a lógica da viralização se sobrepõe à reflexão. Diminuir o tom, checar fatos e recusar a lógica do ódio são atos políticos cotidianos.

Às vésperas de mais uma decisão histórica, o voto precisa ser resgatado de sua dimensão emocional mais primária. Votar não é punir inimigos nem idolatrar salvadores; é escolher representantes capazes de governar para todos, respeitar as instituições e reduzir, não aprofundar, as fraturas nacionais. O eleitorado é chamado a ir além das paixões momentâneas e perguntar: que país queremos construir depois das urnas?

Entre o grito e a escuta, o Brasil precisa escolher a escuta. Não por ingenuidade, mas por sobrevivência democrática. Porque nenhuma nação se sustenta por muito tempo quando o ódio fala mais alto do que o projeto coletivo.

A Editora

## Da terra do sertão ao brilho da televisão: Rafael acelera corações aos 14 anos

Entre as veredas da memória familiar e o ritmo vibrante da música sertaneja que ecoa pelo Brasil, nasce e floresce a história de Rafael Rara



Aos 14 anos, o cantor, compositor e ator goiano já transforma talento precoce em presença marcante na televisão. Rafael participou do primeiro capítulo da novela Coração Acelerado, exibida às 19h pela TV Globo, interpretando o personagem João Raul. Na trama, uma comédia romântica musical ambientada no universo sertanejo, ele une música e interpretação com naturalidade e carisma.

Rafael Rara nasceu em 12 de dezembro de 2011, em Goiânia. É filho de Maurício Rocha Costa e Lúbia Fernandes do Carmo, irmão de Lucas Fernandes Costa, neto de Lourdes Rocha Costa (Lourdinha), paracatuense, e de Inácio Costa Marinho, natural de Carmo do Paranaíba. É também bisneto dos paracatuenses Alberto Rocha e Antônia Jordão Rocha. As memórias e histórias familiares ajudam a moldar sua forte ligação com a música e com a tradição.

Ainda muito pequeno, aos dois anos de idade, Rafael já cantava como quem compreende a linguagem da música antes mesmo de dominar as palavras. A paixão pelo sertanejo surgiu cedo, inspirada pelo pai, que também canta e toca violão, e pelas raízes familiares ligadas ao interior mineiro, especialmente à memória de Paracatu, terra onde a música sempre foi mais do que som: foi narrativa de vida.

Atualmente cursando o 9º ano do ensino fundamental, Rafael equilibra os estudos com uma rotina intensa de dedicação ao canto, ao violão e à viola. A disciplina de quem sonha grande contrasta com a leveza de quem nasceu para o palco. E o palco, desde cedo, o reconheceu.

Com apenas quatro anos, em 16 de outubro de 2016, encantou o público no programa Domingo Show, da TV Record, apresentado por Geraldo Luís. Entre os quatro e cinco anos, também participou do Globo Esporte, da TV Anhanguera, onde

cantou e concedeu entrevistas, surpreendendo pela desenvoltura e sensibilidade.

A trajetória seguiu em ascensão. Em 2023, foi selecionado para o The Voice Brasil Kids, da TV Globo. No ano seguinte, participou do Festival Estrelas Kids, da TV Serra Dourada. Já em 2025, viveu mais um momento marcante ao se apresentar em rede nacional no quadro de calouros do Programa Silvio Santos, com Patrícia Abravanel, conquistando a banca de jurados e recebendo a pontuação máxima — um reconhecimento simbólico de quem já não passa despercebido.

Junho de 2025 reservou um dos capítulos mais emocionantes dessa história. No Arraiá do Bem, em Goiânia, Rafael realizou o sonho de conhecer seus ídolos. Dividiu o palco com João Bosco e Vinícius e encontrou Gustavo Lima em um momento que ganhou repercussão nacional. O governador de Goiás, Ronaldo Caiado, compartilhou o encontro em suas redes sociais, destacando o talento do jovem artista.

Agora, em Coração Acelerado, Rafael Rara une interpretação e música em uma novela que celebra o sertanejo como linguagem cultural e afetiva. O menino que canta desde os três anos, “nascido com o dom”, como define a mãe, Lúbia Fernandes — transforma vivência em cena e emoção em melodia.

Entre Goiânia e os palcos que se abrem como horizontes, entre o menino que aprendeu a cantar antes mesmo de compreender o silêncio e o artista que cresce sob a luz dos refletores, Rafael Rara segue acelerando corações. Em cada nota, carrega a ternura das origens; em cada verso, a coragem de quem transforma sonho em destino. Cantar, para ele, não é apenas talento, é forma de existir, de contar sua história e de tocar o Brasil com a verdade de quem nasceu para emocionar.

**QUALIDADE, CONFIANÇA E BOM ATENDIMENTO**



## ELETRO NEIVA

**O que há de melhor em materiais elétricos e iluminação!**

**Não feche nenhum orçamento antes de passar aqui!**

**#cobrimos ofertas**

**3671.1435 - 9 9845.6096**

**Rua Josino Valadares, 131 - Centro - Paracatu**

### EXPEDIENTE

**Editora:** Uldicéia Rigueti  
**Contato:** Fone: (38) 99915-4652  
 E-mail: uldiceiaoliveira@hotmail.com  
**Jornalista Responsável:**  
 Uldicéia Oliveira Rigueti  
 Registro Profissional: 0021336/MG

**Conselho Editorial:**  
 Uldiele Oliveira Rigueti  
 Clara Oliveira Rigueti  
**Impressão:**  
 Gráfica & Editora Vale Flamboyant Ltda  
 Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 485

Parque Residencial Lagoinha  
 CEP- 14095120 - Ribeirão Preto/ SP  
 CNPJ 21.238.607/0001-84  
**Diagramação:**  
 Alexandre Sasdelli  
 xandesasdelli@gmail.com

Os textos devidamente assinados são de responsabilidade de seus autores e não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

**Ligue e Denuncie**



## Sessão Solene homenageia Carla Simone e Cláudio Gonçalves



Mais uma vez, a Câmara Municipal de Paracatu foi palco de emoção e reconhecimento. Em sessão solene, a vereadora Nilda da Associação propôs, e o presidente da Casa, vereador Manoel Alves, entregou os Diplomas de Honra ao Mérito à senhora Carla Simone Ferreira dos Santos e ao senhor Cláudio de Oliveira Gonçalves, em homenagem às suas contribuições à comunicação e à história da cidade.

A solenidade contou ainda com a presença do vice-prefeito Pedro Adjuto e de representantes do Legislativo municipal. Palavras afetuosas, mensagens de familiares e vídeos marcaram o evento, que ressaltou trajetórias dedicadas à informação, à cultura e ao serviço à comunidade.

### Carla Simone Ferreira dos Santos: comunicar é servir

Nascida em Salinas, em 1987, Carla Simone chegou ainda bebê a Paracatu, onde construiu sua história entre a fé, a música e o rádio. Aos 12 anos, passou a atuar no ministério de música da Igreja Católica e, mais tarde, dedicou-se ao rádio, com passagens de 13 anos pela Rádio Boa Vista FM e atu-

almente na Rádio Única FM. Reconhecida por sua sensibilidade e compromisso com o público, Carla vive a comunicação como missão de servir, sendo carinhosamente chamada de “meu girassol”.

### Cláudio de Oliveira Gonçalves: a respiração de quem informa

Paracatuense, nascido em 1997, Cláudio Gonçalves iniciou sua trajetória na comunicação ainda jovem, no rádio comunitário e em atividades escolares. Com formação em Jornalismo, trabalhou em rádio, TV, assessoria parlamentar e imprensa escrita, atuando atualmente na TV Cultura Paracatu, Rádio Boa Vista FM e Rádio Única FM. Conhecido pelo equilíbrio entre dedicação profissional e cuidado com corpo e mente, Cláudio imprime sensibilidade e dinamismo à sua atuação jornalística.

A solenidade reforçou que Paracatu se fortalece ao reconhecer aqueles que, com voz, compromisso e afeto, contribuem para comunicar, acolher e construir caminhos coletivos. O evento foi encerrado com coquetel de confraternização, encerrando a noite em clima de gratidão e celebração.

## Paracatu em Festa: o Festival que Ecoa o Brasil

O 20º Festival da Música Brasileira de Paracatu é eleito Festival do Ano de 2025 e reafirma a força da cultura que nasce do povo

Paracatu vive em tom maior. Entre acordes, aplausos e memórias, o 20º Festival da Música Brasileira de Paracatu foi reconhecido como Festival do Ano de 2025 pela Central dos Festivais, a partir de votação popular no site [centraldosfestivals.com.br](http://centraldosfestivals.com.br) e de indicações técnicas especializadas. Um prêmio que não chega por acaso: é fruto de uma história construída nota a nota, ao longo de duas décadas de dedicação à música brasileira, uma trajetória que tem raízes na década de 1970 e se estende pelas décadas seguintes, consolidando Paracatu como território fértil para a criação musical.

O reconhecimento celebra muito mais que um evento. Celebra o encontro entre artistas e público, o palco que revela talentos e a cidade que abraça a cultura como parte essencial de sua identidade. São vinte anos de canções que emocionam, versos que permanecem e melodias que atravessam gerações, mantendo viva a essência da música feita no Brasil.

Essa conquista é coletiva. Pertence a cada compositor, intérprete, músico, produtor, apoiador e espectador que, ano após ano, transformaram o festival em um espaço de expressão, diversidade e sensi-

bilidade. É o reflexo de um compromisso contínuo com a valorização da arte e da crença de que a cultura transforma, une e fortalece.

Com esse título, Paracatu reafirma seu lugar no mapa cultural do país. A cidade segue sendo palco da música, da cultura e da emoção, um cenário onde o som não apenas se ouve, mas se sente.



## Justiça que Caminhou com o Povo

Promotora Dra. Mariana Duarte Leão foi condecorada com a Medalha Hélio Costa por sua atuação humana e transformadora



O Salão do Júri do Fórum Martinho Campos Sobrinho foi tomado por silêncio respeitoso e emoção na noite de quinta-feira, 18 de dezembro. Entre paredes que guardam decisões e histórias, a Justiça mineira fez uma pausa para reconhecer quem a exerce com coragem, sensibilidade e compromisso social. A promotora de Justiça Dra. Mariana Duarte Leão recebeu a Medalha Hélio Costa, honraria concedida a personalidades que prestam relevantes serviços ao Poder Judiciário de Minas Gerais.

Mais do que uma solenidade formal, a cerimônia foi um tributo à atuação de uma promotora que não se limitou aos autos, mas fez da escuta, do diálogo e da presença ativa nas comunidades um instrumento de transformação. O trabalho da Dra. Mariana foi reconhecido por alcançar pessoas, territórios e realidades diversas, levando a Justiça para além dos fóruns e aproximando-a de quem mais precisava dela.

A sessão solene foi presidida pela juíza Dra. Letícia da comarca e contou com a presença do juiz de Direito da 2ª Vara Cível de Paracatu, Dr. Lucas Fonseca Silveira; do promotor de Justiça Dr. Davi Reis Salles Bueno Pirajá; do presidente da 31ª Subseção da OAB, Dr. Bruno de Oliveira Franco; do prefeito municipal, Igor Santos; do representante do Poder Legislativo Municipal,

Felipe Ribeiro André; além das promotoras e promotores de Justiça Dra. Taís Rachel, Dr. Lucas Cesar Dias Barreto Ambrósio e Dr. Júlio César de Oliveira Miranda.

A indicação da promotora seguiu os critérios estabelecidos pela Resolução nº 1100/2025 do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, reafirmando o reconhecimento institucional a uma trajetória marcada pela ética, responsabilidade pública e compromisso com o bem comum.

Instituída pelo então presidente do TJMG, desembargador Márcio Aristeu Monteiro de Barros, a Medalha Hélio Costa carrega o nome de um magistrado cuja história se confunde com a construção da Justiça mineira. Hélio Costa, natural de Sabará, presidiu o Tribunal de Justiça no biênio 1980–1981 e dedicou sua vida ao serviço público, à magistratura e à preservação da memória do Judiciário.

Ao receber a medalha, Dra. Mariana Duarte Leão inscreveu sua própria história nessa linhagem de servidores públicos que compreenderam a Justiça não apenas como aplicação da lei, mas como exercício diário de humanidade. Sua atuação reafirmou que o Direito ganha sentido pleno quando encontra as pessoas, protege os vulneráveis e fortalece a cidadania.

Naquela noite, a homenagem não foi apenas a uma promotora, mas a um modo de fazer Justiça: próximo, comprometido e profundamente humano.



## Cantata de Natal emociona público e reforça tradição cultural em Paracatu



A Praça Firmina Santana foi palco de fé, arte e emoção na noite do dia 19 de dezembro, durante a apresentação da Cantata de Natal “O Nascimento de Jesus”, realizada pelo Coral Stella Maris. O evento integrou a programação natalina do município e reuniu famílias, crianças e idosos em um momento de celebração coletiva e valorização da cultura local.

Transformada em Vila do Papai Noel, a praça recebeu o público sob iluminação especial e clima festivo. Devidamente acomodados debaixo de uma tenda, os espectadores acompanharam as apresentações musicais do Coral Stella Maris e as encenações do grupo de teatro Cenikas, que conduziram o público por uma narrativa sensível sobre o nascimento de Jesus, unindo canto coral, elementos teatrais e espiritualidade.

Com um repertório cuidadosamente selecionado, o Coral Stella Maris utilizou a música e o teatro como instrumentos de comunicação e acolhimento. As canções, interpretadas

em coro, abordaram temas como esperança, partilha e renovação, despertando emoção e atenção do público presente. A encenação reforçou o caráter educativo e artístico da cantata, aproximando diferentes gerações.

Mais do que uma apresentação musical, a cantata reafirmou o papel do Coral Stella Maris como um dos importantes agentes culturais de Paracatu. Ao ocupar o espaço público com arte, em estrutura preparada para receber a comunidade, o grupo fortaleceu a tradição do teatro e da música na cidade, promovendo o acesso à cultura e estimulando o convívio comunitário.

Ao final da apresentação, aplausos e manifestações de carinho do público marcaram a noite, que deixou como legado a valorização da arte local e a reafirmação do Natal como tempo de encontro e solidariedade. A Cantata de Natal na Praça Firmina Santana consolidou-se como um momento significativo do calendário cultural de Paracatu, unindo fé, cultura e cidadania.



## “Se o trauma é passado de gerações, os valores também podem”

A frase dita por Wagner Moura deixou de ser apenas uma reflexão e se confirmou como retrato de um momento histórico para o cinema brasileiro



No domingo, 11 de janeiro de 2026, o Brasil acompanhou um dos episódios mais emblemáticos de sua trajetória recente no audiovisual. Durante a cerimônia do Globo de Ouro, uma das mais importantes premiações internacionais da indústria cinematográfica, o país alcançou um reconhecimento inédito. O Agente Secreto foi consagrado como Melhor Filme em Língua Não Inglesa, enquanto Wagner Moura venceu o prêmio de Melhor Ator em Filme de Drama, feito inédito para um ator brasileiro na categoria.

A conquista foi além do valor simbólico da estatueta. Representou memória, identidade e afirmação cultural. Ao se tornar o primeiro brasileiro a receber o prêmio de Melhor Ator em Filme de Drama, Wagner Moura rompeu uma barreira histórica, marcada não pela ausência de talento nacional, mas por décadas de invisibilidade no cenário internacional. Sua vitória refletiu a força de um cinema construído com resistência, criatividade e compromisso narrativo.

Dirigido por Kleber Mendonça Filho, O Agente Secreto abordou os anos da ditadura militar brasileira, período que ainda reverbera na sociedade contemporânea. O filme não buscou o passado por nostalgia, mas por necessidade, reafirmando a memória como

ferramenta política e a narrativa como forma de enfrentamento ao esquecimento.

Durante o discurso de agradecimento, Wagner Moura optou por falar em português, gesto que reforçou o caráter simbólico da conquista. Ao declarar “Viva o Brasil! Viva a cultura brasileira!”, o ator transformou o momento em afirmação pública da vitalidade artística do país e de sua capacidade de dialogar com o mundo.

O reconhecimento internacional integrou um movimento mais amplo vivido pelo cinema nacional. Em 2025, Fernanda Torres havia vencido o Globo de Ouro por Ainda Estou Aqui, consolidando, pelo segundo ano consecutivo, a presença brasileira entre os principais premiados da cerimônia.

A vitória de Wagner Moura reafirmou uma convicção já compartilhada por críticos e realizadores: o cinema brasileiro é potente por sua autenticidade. Nasce do conflito, da observação crítica e da sensibilidade social, transformando experiências traumáticas em linguagem artística e valores em herança cultural.

Naquele momento, o Brasil não celebrou apenas uma premiação. Celebrou sua própria voz, e ela foi ouvida.

## Restauração devolve vida à Igreja de São Sebastião em Paracatu



No Dia de São Sebastião, terça-feira, 20 de janeiro, Paracatu celebrou um marco na preservação de sua história: a assinatura do contrato para a restauração da Igreja de São Sebastião do Pouso Alegre, um dos mais antigos patrimônios históricos, culturais e religiosos do município.

A cerimônia, realizada na sede da Fundação Casa de Cultura, reuniu autoridades civis, religiosas e representantes da sociedade, entre eles o prefeito Igor Santos, a promotora de Justiça Tais Rachel Alves Trindade, vereadores, secretários municipais e representantes da Diocese de Paracatu e da Associação Joaquim Artes e Ofícios, responsável pelo restauro.

Tombada desde 1958 e atingida por um incêndio em 2021, a igreja guarda séculos de história e memória coletiva. O projeto, viabilizado pela Plataforma Semente em parceria com o Ministério Público, prevê a recuperação completa do templo e do cemitério anexo, respeitando suas características originais. O investimento total ultrapassa R\$ 2,8 milhões.

O momento foi especialmente celebrado pela Associação dos Amigos da Cultura, que há anos lutava pela restauração da igreja. A iniciativa reforça o compromisso de Paracatu com a preservação do patrimônio, mostrando que, quando a memória é restaurada, toda a cidade se reconstrói junto.

## Conexão Associativista fortaleceu laços e projetou o futuro econômico de Paracatu

Iniciativa do Governo de Minas e da Federaminas reuniu lideranças empresariais para fomentar união, estratégia e desenvolvimento local

### Encontro promoveu articulação e visão estratégica

Paracatu recebeu, no dia 13 de janeiro, um encontro marcado pela convergência de ideias e pela construção coletiva de caminhos para o desenvolvimento. O projeto Conexão Associativista, iniciativa do Governo de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (SEDE-MG), em parceria com a Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Estado de Minas Gerais (Federaminas), chegou ao município com o propósito de fortalecer o associativismo mineiro e alinhar pautas estratégicas voltadas ao crescimento econômico regional.

### Fortalecimento do associativismo mineiro

A agenda integrou uma série intensiva de encontros iniciada em janeiro de 2026, que percorreu cidades mineiras com foco na capacitação, no intercâmbio de experiências e na disseminação de boas práticas de gestão e liderança associativa. Em Paracatu, participaram representantes da Associação Comercial e Industrial de Paracatu (ACE) e de outras entidades empresariais da região, reforçando a importância da união entre empresários como instrumento de transformação econômica.

### Inovação e sustentabilidade das entidades

Durante o encontro do Conexão Associativista, destacou-se o alinhamento entre o governo estadual e as associações comerciais para a construção de uma agenda integrada de desenvolvimento regional, capaz de traduzir as demandas locais em ações estratégicas. Nesse contexto, a Federaminas apresentou o conceito “Associações do Futuro”, um hub de inovação voltado à conexão de micro e pequenas empresas às tendências de mercado de 2026, ampliando o acesso à informação, à tecnologia e a novas oportunidades de negócio.

Outro ponto central da iniciativa foi a busca pela sustentabilidade financeira das entidades, por meio do desenvolvimento de modelos de negócio que ampliassem a base de associados e garantissem maior autonomia institucional, com a oferta de serviços de valor agregado e a geração de dados econômicos relevantes.

### Presença de autoridades e lideranças regionais

Voltada para lideranças empresariais e representantes do setor produtivo local, a agenda contou com a presença do presidente da ACE, Marcos Plauto; do secretário executivo de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, Bruno Araújo; do vice-prefeito Pedro Adjuto; de Fernando Barbosa, diretor de Arranjos Produtivos Locais e Cooperativismo; do secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Urbano de Sá, além de outras lideranças regionais.

### Desenvolvimento construído de forma coletiva

Ao promover diálogo, inovação e cooperação, o Conexão Associativista reforçou o papel das entidades de classe como protagonistas do ecossistema de desenvolvimento, assegurando que as vozes locais chegassem de forma organizada aos tomadores de decisão e que o crescimento econômico de Paracatu fosse construído sobre bases sólidas, coletivas e sustentáveis.



### Crescimento do empreendedorismo em Paracatu

Durante o encontro, foi apresentado um relatório pelo presidente da Casa do Empresário e da ACE, Marcos Plauto, que evidenciou o bom momento econômico vivido pelo município. Em 2025, Paracatu registrou um crescimento expressivo no empreendedorismo, com a abertura de 662 novas empresas até dezembro, superando os 560 registros de 2024. Atualmente, o município conta com 12.140 empresas formalizadas, demonstrando um ambiente de negócios dinâmico e em expansão.

### Setor de serviços liderou novas aberturas

Os dados apontaram para um fortalecimento consistente do setor de serviços, que liderou a abertura de novos empreendimentos, acompanhando a tendência estadual. Destacaram-se os negócios digitais, que representaram cerca de 10% das novas empresas, refletindo a digitalização do comércio e dos serviços especializados. Também ganharam espaço os segmentos de saúde e bem-estar, com academias e estúdios voltados à qualidade de vida, e de educação e treinamentos, impulsionados pela demanda por qualificação profissional ligada à mineração e à agroindústria.

### Comércio varejista manteve papel estratégico

O comércio varejista seguiu como um dos motores da economia local, especialmente entre microempreendedores individuais e microempresas. Os segmentos de alimentação, vestuário e acessórios e bens duráveis mantiveram crescimento, impulsionados por eventos como a Choco Feira, o Festival Cultural e Gastronômico e o Liquida Paracatu, além da expansão imobiliária e do aumento da demanda por primeira moradia.

### Apoio à mineração e ao agronegócio ganhou força

Outro destaque foi o crescimento de negócios voltados ao apoio às cadeias da mineração e do agronegócio, setores nos quais Paracatu se consolidou como polo exportador, responsável por 4,9% das exportações de Minas Gerais em 2025. Empresas de logística e transporte, manutenção industrial e agrícola e produção de sementes ampliaram sua presença, acompanhando o ritmo da atividade econômica local.

### Fatores que impulsionaram o desenvolvimento

Esse cenário positivo foi explicado por fatores como o perfil demográfico favorável, com predominância de adultos em idade produtiva; o crescimento de 42% nas exportações no início de 2025, que injetou capital na economia; e a desburocratização, por meio de programas municipais de incentivo ao empreendedorismo, em parceria com o Sebrae, que facilitaram a formalização de novos negócios.



## A Cruz que Vigia o Silêncio

Tradição, fé e memória no Cemitério Santa Cruz de Paracatu



Erguida contra o tempo e o esquecimento, a Cruz do Cemitério Santa Cruz de Paracatu sempre foi mais do que madeira talhada: foi sentinela. À frente do campo-santo, o cruzeiro original do século XIX destacava-se pela imponência, como se vigiasse, em silêncio respeitoso, as almas dos que partiram e os passos dos que ainda ficam.

Sua beleza não estava apenas na antiguidade, mas também na altura incomum e na presença solene. Era impossível atravessar aquele espaço sem notar a cruz, sem diminuir o passo ou fazer um breve gesto de fé. Para muitos moradores, rezar ao pé do cruzeiro tornou-se tradição pas-

sada de geração em geração.

Em novembro de 2025, o jornal O Lábaro alertou para o estado de conservação da peça. O tempo, paciente e implacável, havia deixado marcas profundas: cupins comprometeram a estrutura da madeira histórica, oferecendo risco a quem transitava pelo local. A cruz que por tantos anos simbolizou proteção agora precisava ser protegida.

Cruz do Cemitério Santa Cruz, nos anos 1950. Feita de madeira de lei, resistiu até os dias atuais.

Diante da situação, a Secretaria de Meio Ambiente, o padre Valdeci e o Iphan decidiram, em conjunto, pela retirada do cruzeiro. A medida não representou ruptura, mas cuidado. Bastante deteriorada, a cruz poderia ruir a qualquer momento. Coube ao padre Valdeci a responsabilidade de garantir um destino digno à peça, preservando seu valor simbólico e religioso.

Enquanto isso, a Secretaria de Meio Ambiente trabalha para a instalação de uma nova cruz no local. A ausência, ainda que temporária, é sentida. Afinal, não se trata apenas de um marco físico, mas de um ponto de oração e memória coletiva.

A Cruz do Cemitério Santa Cruz pode ter sido retirada do chão, mas permanece viva na história de Paracatu, na lembrança dos fiéis e na certeza de que a tradição não se perde, transforma-se para continuar vigiando o silêncio.



Carneiro/1956/Fundo Oliveira Mello/AB-D4/Arquivo Público de Paracatu

## Quando a cidade se reconhece em suas próprias histórias

Exposição “Economia Criativa: encontros, memórias e partilha” transforma a Praça Firmina Santana em espaço de memória, afeto e criação em Paracatu

### A Praça que se torna palco de memórias

No início da noite de 20 de janeiro, a Praça Firmina Santana ganhou outro ritmo e outra respiração. Sob um céu carregado de nuvens densas e com um chuvisco que refrescava o ambiente, Paracatu se abriu para reconhecer a si mesma. Ali, em meio à luz suave do entardecer, a exposição “Economia Criativa: encontros, memórias e partilha” foi oficialmente inaugurada, transformando o coração da cidade em palco de memórias vivas.

### Saberes que viram valor

Realizada pelo Museu da Pessoa, com patrocínio da Kinross, por meio da Lei Rouanet do Ministério da Cultura, a exposição segue em cartaz até o dia 20 de fevereiro, na própria praça, com visitação gratuita. A mostra convida moradores e visitantes a percorrer histórias que revelam como saberes, ofícios e criações do cotidiano se transformam em valor cultural, social e econômico.

A cerimônia de abertura reuniu representantes de diferentes áreas e instituições, reforçando o caráter coletivo da iniciativa. Estiveram presentes Eduardo Valente, da Gestão de Sustentabilidade do Museu da Pessoa; o secretário municipal de Cultura, Thiago Venâncio; o secretário de Turismo, Igor Diniz; o secretário de Educação, Tiago de Deus; Diego de Paula, analista de Comunidade, representando a Kinross; Diego Moraes, pela Fundação Casa de Cultura; a artesã Mércia Vasconcelos, representando a Comunidade 5; além de integrantes da Associação dos Amigos da Cultura.

### O simples que se transforma em riqueza

Inspirada na metáfora da pedra filosofal, a exposição lança um olhar sensível sobre a economia criativa no interior do Brasil, onde o simples se transforma em valor. Em Paracatu, o saber nasce da escuta, da partilha e da oralidade, atravessa gerações e se revela como a mais preciosa das riquezas.

### O mosaico humano de Paracatu

Espalhada pela praça em totens expositivos, a mostra reúne as histórias de oito protagonistas,



artistas, mestres de ofício, educadores e guardiões de tradições, cujas trajetórias revelam como a criatividade brota do cotidiano e mantém viva a inteligência coletiva da cidade. Ali estão Maria Ângela, que transforma quitandas em memória e afeto; Flávio Costa, que pinta o silêncio e faz da imagem sua voz; Janaina Campos, que encontra na aquarela um espaço de paz e criação; e Solano Benedito, que percorre caminhos levando palavras, recados e poesia ao sabor do instante. Também fazem parte desse encontro Ronaldo Lopes, o Ronaldo Planeta, cuja alquimia nasce da terra e da cana; Mércia Vasconcelos, que ensina mãos a se transformarem em asas; Benedito da Conceição, mestre da caretagem e guardião da ancestralidade quilombola; e João da Silva, o João do Forró, que traduz a vida simples em versos e melodias.

Sabores que guardam memória, imagens que falam no silêncio, cores que traduzem paz, vozes que percorrem estradas, a alquimia da terra, mãos que ensinam a transformar e tradições que resistem ao tempo compõem esse mosaico humano. Histórias que mostram que criar é, acima de tudo, um gesto de pertencimento.

### Criatividade como identidade

Ao reunir essas narrativas, a exposição “Economia Criativa: encontros, memórias e partilha” propõe uma reflexão sobre o Brasil profundo, onde fé, afeto e tradição se convertem em identidade. Em Paracatu, a criatividade segue transformando saberes em riqueza, uma riqueza de afeto que não se pesa, mas se compartilha.

## Por que o amor nos naufraga — e a vontade nos salva?

**Gabriel Luiz de Jesus Ribeiro**  
Psicólogo e Jornalista



Ao pensarmos na palavra “amor”, seria, de um sacrifício gigantesco, a tentativa de evocar todas as possibilidades de um conceito único e original, senão um sentido de senso comum, tal como o amor lhe parece, ainda que ele se apresente em sua textura de ódio e desejo de vingança. Em um segundo momento, estabelecendo, no título desta breve escrita, a palavra “vontade”, que, também, deve ser lida a partir de um senso comum de pouco valor, pouco valor filosófico, a fim de que não comprometamos a reflexão que, brevemente, irei propor.

Na crise estética, sob uma leitura de teóricos como Gramsci, há um movimento muito particular que muito me apetece, todas as vezes em que o leio ou escuto análises sobre as obras do autor: a mortificação da vida como ela é, impossibilitando o retorno do “velho” e o nascimento do “novo”. O que isso quer dizer? Ao pensarmos em um modelo de vida ideal, tão expectado e modulado em rede, devaneamos diante da fantasia do alcance de uma existência impossível. Aquilo que, em clínica

psicológica, na psicodinâmica, chamá-ria-mos de um “desejo impossível”.

É como se o prazer estivesse associado à fantasia de possuir, não ao ato de posse, como diria Lacan. A questão que convém, aqui, refletir, é que, ao fantasiar a possibilidade de alcance dessa vida ou dessa existência, eu nego como nula a minha vida hoje, como ela de fato é; e, isso, é um erro! Não apenas eu não desejo um passado melancólico, como a globalização e o fluxo de informações não me permitem nem me fornecem tempo para apreciação desse velho, do que já se foi. Muito menos posso estar aberto ao nascimento do novo, já que não há um novo sendo construído, mas um sistema de reprodução, de cópias. Tudo é igual, é o mesmo, é idêntico.

Não obstante o acontecimento desse sujeito obstaculado, mas não consciente de seu entrave, ele passa a chamar de “amor” tudo aquilo que o atravessa, como se reconhecesse naquilo que o atravessa uma chance mínima de vida. Acredito que esse mesmo indivíduo possa estar enganado. Nada ele viu de novo, de eufórico, de epifania existencial naquilo que passou a amar ou, apenas, chamar de amor. Nada há de amor ali. Nem mesmo do “amor” que o próprio indivíduo encontraria em seu vernáculo como conceito de amor. Penso de outra maneira.

Há, aí, nesse mesmo sujeito, uma única coisa que move suas pulsões e seus desejos

— que, dificilmente, o indivíduo conseguirá acessar sozinho. Eis, aí, em minha opinião, a “vontade”. É a vontade que processa um ímpeto de continuidade, de euforia, de potência para a vida. É ela que desperta o amor ao destino, ao que vem; é a vontade que, mesmo diante da tristeza, da impotência, do cansaço, da fadiga, da raiva, da violência, da injustiça e da opressão, mesmo diante de tudo isso, é ela a operar o “eu permaneço”, “eu fico”, “eu continuo”, “eu me levanto”. Não é o amor! O amor não faz nada, ele não se sustenta, ele não se retroalimenta, ele não fornece energia, ele nos tira! O amor não é, nunca foi nem nunca será recíproco. O amor é uma espécie de ente único, particular, muito individual, cujo desejo é o de satisfação de um sentimento do “eu” em detrimento à existência do outro. Não é o desejado, é o desejo que o amor investe.

Um pouco pessimista essa análise? De forma alguma. Não há uma palavra sequer, aqui imposta, que já não esteja no mais íntimo daquele ou daquela que lê esta análise. É como se o amor estivesse sempre nos atrasando, definhando, causando contenda, pois ele é passional, é movido pelo “patos” da decisão humana. A vontade não, ela, por excelência, necessita do “ethos” decisório, que se recompõe e decide por continuar, apesar dos pesares, em nome de uma espécie de “racionalidade”.

Não podemos confundir esses dois fe-

nômenos para que não troquemos suas utilidades e, também, não acabemos por usar de nossa vontade a tentativa da conquista de um amor; ou, claro, do amor, na tentativa de potencializar essa vontade. O amor nada lhe dará, pelo contrário, o amor somente subtrai, ele não é força, ele não produz, ele não entende; ele é fixo, enraizado demais por nossas paixões para admitir erros e reduzir danos, é orgulhoso demais para dizer “sim” e dependente demais para dizer “não”. Portanto, é do lugar da vontade que devemos partir, inclusive, se desejarmos encontrar um amor que dure. É do lugar, portanto, da vontade que devemos pensar a nossa existência e como ela caminha para a continuidade, não para a prisão. O amor, tal como o enfrentamos hoje, é uma prisão, é uma caverna, em que nunca estamos com o outro, mas a sós. Só é possível ver a nossa sombra e nunca, jamais, é possível fazer com que o outro entenda isso, já que ele, também, estará preso em sua própria caverna, enxergando sua própria sombra, em uma ausente força de vontade.

Para amar, é necessário, acima de tudo, vontade! O amor, por si só, não é o suficiente. Amar, por si só, não é o suficiente, mas inválido, solitário, parcial e mediano. É pela vontade que criamos o que queremos verdadeiramente amar. E, claro, muitas vezes, a vontade não é somente uma escolha, mas, como eu disse, é uma força. E, ela, encontrada no mais íntimo de nós.



## ENTRE VOZES E AFETOS: O NATAL QUE CANTOU NO CORAL STELLA MARIS



Confraternização de fim de ano reuniu memórias, música e gratidão

Na tarde de 18 de dezembro, o Coral Stella Maris realizou sua confraternização natalina, em um encontro marcado pela partilha, pela música e pelo afeto entre os participantes.

O evento reuniu coralistas e convidados em uma tarde de celebração, resgatando memórias e emoções vividas ao longo de 2025, ano de ensaios, apresentações e conquistas coletivas. Cada canção refletiu o empenho e a dedicação dos integrantes, transformando a música em elo entre pessoas e histórias.

Entre risos, olhares cúmplices e melodias, o Coral reafirmou seu papel como espaço de encontro e expressão cultural, onde a música se torna gesto de afeto e celebração da vida.

Mais do que uma confraternização, o encontro foi também um momento de gratidão pelo ano vivido e pelas vozes que se somaram, lembrando que, quando cantadas juntas, as esperanças soam mais fortes, anunciando um Natal de luz e um novo ano em harmonia.

## ENTRE CÂMERA, LUZ E AÇÃO: CELEBRAR O INSTANTE



Dia do Fotógrafo lembra a arte de eternizar o tempo e a memória

No Brasil, o Dia do Fotógrafo é celebrado em 8 de janeiro, data que marca a chegada da primeira câmera fotográfica ao país, em 1840. O imperador Dom Pedro II, primeiro fotógrafo brasileiro, incentivou a prática e produziu suas próprias imagens, reconhecendo o valor histórico e cultural da fotografia.

Fotografar é um gesto de atenção: escolher um instante e preservá-lo além do tempo. A fotografia eterniza sorrisos, abraços, gestos de amor e momentos históricos, mantendo vivos fragmentos do passado e da memória coletiva.

Entre os grandes nomes da fotografia, destaca-se Henri Cartier-Bresson, francês considerado pai do fotojornalismo moderno, famoso por capturar o “momento decisivo” e registrar acontecimentos históricos com sensibilidade. No Brasil, Sebastião Salgado, mineiro, percorreu mais de 100 países registrando dores, belezas e contradições do nosso tempo, construindo uma obra que é memória, denúncia e reflexão sobre a humanidade e a natureza.

Celebrar o Dia do Fotógrafo é reconhecer todos que, profissionais ou amadores, revelam o mundo em imagens, guardando histórias que, de outra forma, se perderiam. Fotografar é um ato de amor, e todo amor, como toda imagem que guarda uma história, merece ser celebrado.

## KINROSS ANUNCIA MUDANÇA NA LIDERANÇA NO BRASIL



A Kinross Brasil inicia 2026 com um movimento que sinaliza continuidade, confiança e renovação. A partir de 1º de janeiro, a companhia promove mudanças em sua estrutura de liderança no país, alinhadas à sua estratégia global de fortalecimento da governança operacional e de valorização das lideranças formadas dentro de casa.

Rodrigo Gomides assume a presidência e a gerência geral da Kinross Brasil Mineração, passando a conduzir uma das operações mais relevantes da empresa no mundo. Com trajetória sólida na companhia, Gomides conhece em profundidade a unidade de Paracatu, seus desafios, suas pessoas e sua relação com o território. Sua atuação tem sido marcada pelo foco permanente na segurança, na eficiência operacional e na gestão responsável do negócio.

A transição também marca um novo capítulo na carreira de Gilberto Azevedo, que deixa a presidência da Kinross Brasil para assumir o cargo de vice-presidente sênior de Novos Negócios. A mudança reforça a aposta da empresa em uma governança integrada, capaz de articular experiência, visão estratégica e inovação.

As nomeações fazem parte de um conjunto de ajustes organizacionais voltados à otimização da implementação das estratégias corporativas, ao fortalecimento da gestão regional das operações e à garantia da sustentabilidade e competitividade da Kinross no longo prazo.

“É uma honra assumir a presidência da Kinross Brasil Mineração. Seguiremos comprometidos com uma operação segura, eficiente e sustentável, com foco nas pessoas, no diálogo com as comunidades e na contribuição positiva para o desenvolvimento do país”, afirma Rodrigo Gomides.

Mais do que uma mudança de cargos, o anúncio traduz um movimento de continuidade responsável. A Kinross Brasil reafirma, assim, seu compromisso com elevados padrões de governança, com a ética na condução de suas operações e com uma mineração que reconhece seu papel econômico, social e ambiental.

Em tempos de transformação, a empresa sinaliza que liderar também é cuidar, das pessoas, dos processos e dos caminhos que ligam o presente ao futuro.

## MANOEL CARLOS, O AUTOR QUE ESCREVEU AFETOS 1933 – 2026



Manoel Carlos se despediu do mundo no dia 10 de janeiro de 2026, aos 92 anos, no Rio de Janeiro. Com ele, silenciou-se uma das vozes mais delicadas e humanas da televisão brasileira. A notícia, confirmada pela família, ecoou imediatamente pelos principais veículos do país e tocou gerações inteiras que aprenderam a se ver, e a se sentir, através de suas histórias.

Conhecido carinhosamente como Maneco, foi mais do que um autor de novelas: foi um cronista do cotidiano, um observador atento das emoções miúdas, dos conflitos íntimos e das grandes decisões que nascem dentro de casa. Criou personagens que atravessaram o tempo, especialmente suas inesquecíveis Helenas, mulheres complexas, fortes e vulneráveis, espelhos sensíveis da alma feminina brasileira.

Obras como Por Amor, Laços de Família, Mulheres Apaixonadas e Páginas da Vida não apenas marcaram a teledramaturgia nacional, tornaram-se parte da memória afetiva

do país. Em cada capítulo, Manoel Carlos escreveu sentimentos; em cada silêncio, deixou espaço para o público se reconhecer.

Nos últimos anos, conviveu com a doença de Parkinson e levou uma vida reclusa em seu amado Leblon, bairro que tantas vezes serviu de cenário, inspiração e personagem em sua obra. Ali, entre ruas, janelas e encontros cotidianos, construiu um Rio de Janeiro íntimo, emocional, quase confessional. A família não divulgou a causa exata da morte.

Manoel Carlos celebrou como poucos as relações familiares, os dilemas morais, os amores possíveis e impossíveis. Seus textos não passaram apenas pela televisão, permaneceram no afeto, no olhar atento do público, nas conversas de sala e nos silêncios compartilhados.

Hoje, a dramaturgia brasileira vestiu luto. E o Rio de Janeiro pareceu mais quieto, como se o Leblon, cúmplice de tantas histórias, sussurrasse pela última vez os diálogos que ele nos ensinou a ouvir.

## PARACATU EM FESTA: O SONHO VESTE A CAMISA DA SELEÇÃO



Um capítulo de orgulho escrito na história do futebol brasileiro

O dia 9 de janeiro amanheceu diferente, em nossa cidade. O ar parecia mais leve, como se cada rua, cada esquina e cada campo respirassem orgulho. O motivo tem nome, raiz e sonho: Crystian, filho desta terra, foi convocado para vestir a camisa da Seleção Brasileira Sub-16.

A convocação, feita pelo técnico Guilherme Dalla, responsável pela equipe nacional da categoria, não foi apenas um anúncio oficial. Foi um chamado que ecoou além dos números e das listas, atravessando sonhos de infância, gramados simples e o coração de uma cidade inteira.

Neto do Ronaldo Planeta, Crystian carrega no sangue a herança do futebol, mas constrói com os próprios pés a sua própria história. Em constante evolução, o jovem vem se destacando nas categorias de base do Fluminense, onde integra o elenco de formação do clube carioca. Seu desempenho, talento e maturidade dentro de campo chamaram atenção, e abriram as portas para um dos maiores desejos de



qualquer atleta: representar o Brasil.

Essa conquista vai além do individual. Ela simboliza a força de um lugar que acredita, incentiva e celebra seus talentos. É a prova de que dos interiores também nascem histórias grandes, capazes de ganhar o país.

Hoje, ao vestir a camisa que milhões sonham, Crystian não entra em campo sozinho. Leva consigo o orgulho de suas origens, a esperança de quem acredita no esporte e a certeza de que este é apenas o primeiro capítulo de uma trajetória que promete emocionar.

A torcida segue firme. De coração cheio, olhos brilhando e a convicção de que, quando um dos nossos chega lá, todos chegamos juntos.

## A FORÇA DO NORDESTE BRASILEIRO NAS TELAS



Há um silêncio antigo que o cinema brasileiro começa, enfim, a escutar. Ele vem do Nordeste intenso, da terra rachada pelo sol e da sabedoria de quem aprendeu a narrar o mundo com as mãos antes de aprender a olhar para as telas. Esse silêncio agora tem nome e rosto: Tânia Maria. Artesã potiguar, ela estreou no cinema aos 73 anos, em Baturau, e hoje, aos 78, surge como um dos fenômenos mais improváveis e poderosos do audiovisual brasileiro. Sua atuação em O Agente Secreto atravessou fronteiras e chegou aos olhos atentos da crítica internacional, que já a aponta como possível candidata ao Oscar 2026 de Melhor Atriz Coadjuvante.

Publicações como The New York Times, Variety e The Hollywood Reporter incluíram Tânia Maria entre as apostas para a maior premiação do cinema mundial, descrevendo sua presença em cena como “natural, magnética e visceral”. Não há artifício nem excesso: há verdade. Em um percurso que desafia todas as estatísticas da indústria, Tânia passou de figurante a símbolo de um cinema que valoriza o corpo, a voz e a memória popular, tudo isso sem nunca ter assistido a um filme inteiro antes de começar a atuar. Sua arte nasce da vida, não da técnica.

No longa dirigido por Kleber Mendonça Filho, vencedor de categorias importantes no Globo de Ouro 2026, Tânia interpreta Dona Sebastiana com a autoridade silenciosa de quem conhece o tempo e suas durezas. Ao ser questionada sobre a possível indicação ao Oscar, respondeu com a simplicidade que a define: disse não saber exatamente o que é o prêmio, mas confessou estar feliz pela lembrança. Talvez seja justamente aí que reside sua força. Enquanto Hollywood observa, o Nordeste ensina: o cinema também pode brotar do chão, da oralidade, da experiência e da coragem de existir. As indicações oficiais serão anunciadas em 22 de janeiro, mas, para além de troféus, Tânia Maria já ocupa um lugar histórico, o de quem transformou a própria vida em imagem e devolveu ao Brasil o espelho de sua diversidade mais profunda.





COOPERATIVA AGRÍCOLA  
**OESTE MINEIRO**  
LTDA

Estrada do Melo, km 24,5 - Zona Rural - Guarda Mor - MG  
CGC/MF n.º 86 670 411/0001-00 - IE n.º 286 908 136 0000  
CEP 38.570-000

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Presidente da **COOPERATIVA AGRÍCOLA OESTE MINEIRO LTDA**, no uso de suas atribuições conferidas pelo Estatuto Social, convoca os seus associados para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária que se realizará em sua sede social na Estrada do Melo km 24,5 no Município de Guarda Mor, Estado de Minas Gerais, no dia 04 de março de 2026 (Quarta-feira), em primeira convocação às 16:00 (dezesesseis) horas com a presença de 2/3 (dois terços) do número de associados. Caso não haja número legal para instalação, ficam desde já convocados para segunda convocação às 17:00 (dezesete) horas, no mesmo dia e local com a presença de metade mais um do número total de associados. Persistindo a falta de “quórum legal”, a Assembleia realizar-se-á, então no mesmo dia e local, em terceira e última convocação, às 18:00 (dezoito) horas, com presença mínima de 10 (dez) associados, a fim de deliberar sobre a seguinte ordem do dia:

- Leitura para discussão e julgamento do Relatório do Conselho de Administração, Parecer do Conselho Fiscal, Balanço Geral, Demonstração de Sobras e Perdas e demais contas do Exercício encerrado em 31 de dezembro de 2025;
- Destinação das Sobras ou Perdas do Exercício de 2025;
- Eleição dos Membros do Conselho Fiscal;
- Outros assuntos de interesse geral.

Guarda Mor/MG, 21 de janeiro de 2026.

ANDRÉ LUIZ  
KOHL:08141579  
630

Assinado de forma digital  
por ANDRÉ LUIZ  
KOHL:08141579630  
Data: 2026.01.21 14:25:54  
+03'00'

**ANDRÉ LUIZ KOHL**  
PRESIDENTE

## Recanto do Sossego: onde o Cerrado floresceu em arte, afeto e identidade

Espaço cultural idealizado por Eneida Maciel é inaugurado em Paracatu como símbolo de tradição, economia criativa e força comunitária



Paracatu ganhou um novo espaço para celebrar sua cultura e memória. O Recanto do Sossego, inaugurado no dia 17 de dezembro, tornou-se ponto de encontro entre arte, sabores e tradições do cerrado mineiro, reunindo a comunidade em torno da arte feita à mão, das quitandas com receitas ancestrais e do respeito à natureza local.

Idealizado pela artesã e quitandeira Eneida Maciel, o espaço reflete sua trajetória de dedicação, resistência e amor pela cultura popular. Ali, ela reuniu o artesanato produzido a partir de cabaças, frutos e sementes do cerrado, além das quitandas que preservam saberes passados de geração em geração.

A solenidade de inauguração contou com a presença do vice-prefeito Pedro Adjuto; do secretário municipal de Cultura, Thiago Venâncio; Rose Bispo, chefe da Divisão de Igualdade Racial; Mestre Cacaú, presidente do COMPIR; Rose Cardoso, diretora de Cultura; Elisângela Caldas, representando a FAOP e a Casa Paracatu; a Associação Guiastur, além de servidores da Secretaria de Cultura e membros da comunidade, que prestigiaram um momento marcado por emoção e laços coletivos.

A história de Eneida se confunde com a própria construção cultural de Paracatu. Participou da fundação da Casa do Artesão,

hoje consolidada como espaço de cultura e turismo, e integra a Feira Itinerante de Artesanato Paracatu ao Luar, levando a identidade local para além dos limites da cidade. Seu trabalho é reconhecido não apenas pela beleza das peças, mas pelo compromisso com o território e com as pessoas.

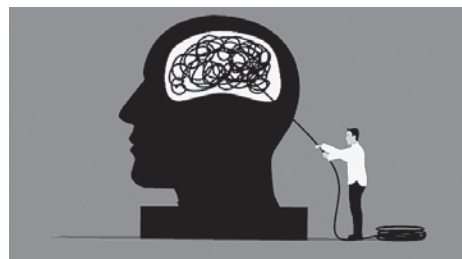
No Recanto do Sossego, o cerrado não é apenas paisagem: é matéria-prima, inspiração e sustento. Cada peça artesanal e cada quitanda carregaram a essência do sertão mineiro, valorizando o regionalismo e reafirmando a riqueza cultural da cidade.

Mais do que um espaço cultural, o Recanto do Sossego se firmou como projeto social e coletivo. Eneida desenvolveu ações voltadas ao fortalecimento da economia criativa, incentivando mulheres a se tornarem empreendedoras e protagonistas de suas próprias histórias. O espaço também passou a servir como ambiente de aprendizado, partilha e transformação.

A inauguração celebrou, acima de tudo, um sonho que agora pertence a muitos. O Recanto do Sossego acolheu a comunidade, encantou visitantes e revelou, com simplicidade e verdade, o imenso potencial cultural de Paracatu, onde a cultura encontrou abrigo e o cerrado ganhou voz.

## A Terapia Cognitivo Comportamental em face a Depressão

**Robson Stigar**  
robsonstigar@gmail.com



A Terapia Cognitivo Comportamental é uma abordagem da psicoterapia que se baseia em princípios centrais inicialmente instituídos pela teoria de Aaron Beck, como resultado de um movimento no qual buscava uma comprovação para a psicanálise, sendo que no decorrer, encontrou respostas sobre a depressão relacionadas a cognições distorcidas. Nesse âmbito a TCC é uma prática clínica arraigada nas premissas de que não são os acontecimentos em si que determinam a forma de pensar e agir, mas sim, a forma como se interpretam tais acontecimentos.

O cenário da Terapia Cognitivo Comportamental dispõe ao terapeuta a autonomia de se utilizar técnicas que permitam a interpretação dos acontecimentos por parte do paciente, tratando aquilo que o afeta, a partir da sua visão, sentimento e pensamento sobre essa situação, que lhe causa desconforto, incômodo, tristeza e sensações negativas em geral. Na Terapia Cognitivo Comportamental, o terapeuta tem como objetivo desvendar conteúdos específicos das cognições ou crenças do paciente, os ensinando a identificar o momento, o impacto e as consequências das cognições disfuncionais. O terapeuta utiliza diversas técnicas para ressignificar e modificara cognição, resultando em uma mudança emocional e comportamental.

Quando se fala sobre TCC (Terapia Cognitivo Comportamental) automaticamente pensamos nos aspectos mentais que cercam os indivíduos, o modelo terapêutico tem como base o racionalismo e a busca por evidências que corroboram ou não com pensamentos automáticos e nucleares. O terapeuta busca ajudar o paciente a encontrar lógica e evidência para modificar os pensamentos, um dos desafios é reconhecer o estilo idiossincrático de cada paciente.

O que torna a terapia cognitivo comportamental interessante é o quanto ela

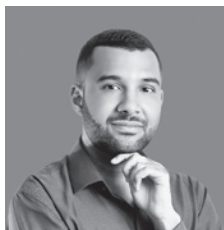
demonstra ser eficaz em diversos quadros terapêuticos, isso é resultado de uma terapia multifacetada, é evidente que suas inúmeras técnicas a tornam rápida e eficaz, entretanto ela não se resume somente em técnicas, conceituação de caso, módulos de tratamento, abordagens confirmadas empiricamente.

Pode-se inferir que a relação estabelecida na prática do psicólogo comportamental que adota esta abordagem no tratamento em seus casos clínicos, estabelece uma ligação entre a situação, o pensamento, a emoção e o comportamento. Ao seguir estes preceitos, o êxito da terapia está no alcance da efetiva mudança de sistemas de significados por parte dos pacientes frente os acontecimentos de sua vida. A partir desta concepção, pode-se inferir que a abordagem cognitiva comportamental salienta a existência de pensamentos automáticos frente as situações que o indivíduo vivencia, de maior parte com aspectos negativos, e frente a isso, seu objetivo é distinguir tais pensamentos e intervir sobre eles, no sentido de alterá-los, e com isso atingir uma nova e melhorada percepção e interpretação dos fatos.

Em síntese, a Terapia Cognitivo Comportamental, arraigada no conhecimento empírico da psicologia, em sua identidade e prática estabelece uma ligação entre a situação, o pensamento, a emoção e o comportamento. Frente a este panorama, seu desígnio é o alcance da efetiva mudança de sistemas de significados por parte dos pacientes, frente os acontecimentos de sua vida, valendo-se de um contexto com tendência educativa, onde a finalidade é orientar o paciente a ser seu próprio terapeuta, atentando-se a prevenção de recaídas.

## Viver para quem, afinal?

**Cláudio Oliveira – Jornalista**



Passamos grande parte da vida tentando corresponder às expectativas alheias. Desde cedo, somos ensinados a agradar, a não desagradar, a caber em moldes que nem sempre nos pertencem. Vivemos atentos ao olhar do outro, ao julgamento silencioso ou explícito, como se nossa existência precisasse de aprovação constante. Nesse processo, muitas vezes nos afastamos de nós mesmos, adiamos vontades, silenciemos desejos e carregamos um peso que não é nosso. O problema é que, enquanto nos esforçamos para atender a todos, esquecemos de perguntar o essencial: viver para quem?

Esse questionamento ganhou força em mim após assistir a uma participação marcante da jornalista Glória Maria (In memoriam), no programa Roda Viva, da TV Cultura. Em meio às reflexões dela, uma frase — direta ou simbólica — ecoou como um alerta definitivo: “Ninguém vai morrer por mim. Ninguém vai deitar no caixão no meu lugar”. A constatação é dura, mas libertadora. A vida é intransferível. As escolhas, os erros, os acertos e até os arrependimentos serão exclusivamente nossos. Nenhuma plateia estará presente no fim para validar se agradamos o suficiente.

Outro despertar importante veio por meio do yoga, prática que me acompanha há 9 anos. Não se trata apenas de exercício físico ou técnica de respiração, mas de um convite constante à autoanálise. O yoga

me ensinou a observar meu modo de viver, a reconhecer limites, a acolher falhas e a compreender que o sofrimento existe — mas pode ter menor impacto quando estamos mais conscientes. Ainda sofro em algumas ocasiões, é verdade, porém hoje compreendo melhor as causas e não carregoo dores que não me pertencem.

Viver para si mesmo é um ato profundamente libertador. Significa fazer escolhas alinhadas com seus valores, respeitar seus gostos e abandonar a obrigação de agradar a todos. Isso não tem relação com falta de educação ou egoísmo, muito pelo contrário. Quem passa a se respeitar também aprende a respeitar o outro de forma mais honesta. O que se perde nesse caminho não é a gentileza, mas a submissão disfarçada de bondade.

Ao viver para si, também aprendemos a identificar e nos afastar de pessoas sem educação emocional, aquelas que se aproveitam da boa vontade alheia. Existe uma linha tênue entre ser generoso e ser usado. Muitas vezes, quem é excessivamente solícito acaba sendo visto como alguém “sempre disponível”, quase a serviço de toda a sociedade. Romper com esse papel imposto é saudável e necessário para preservar a própria dignidade.

No fim das contas, viver para você é um gesto de amor-próprio. É escolher carinho em vez de culpa, paz em vez de aprovação, verdade em vez de aparência. Não se trata de excluir o outro da sua vida, mas de parar de se excluir de si mesmo. Porque viver, no sentido mais profundo da palavra, só faz sentido quando começa dentro.



## Entre Letras e Pelerines: a Consagração da Cultura

Academia de Letras do Noroeste de Minas lançou a 7ª edição da Revista EntreLetras e reafirmou a palavra como patrimônio vivo, gesto de memória e travessia cultural

Na noite de 18 de dezembro, a sede da Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM), em Paracatu, tornou-se espaço de reverência à palavra escrita, à memória e ao saber compartilhado. Em uma cerimônia marcada por solenidade e emoção, foi realizado o lançamento da 7ª edição da Revista EntreLetras, publicação literária anual da instituição, seguido da entrega das pelerines aos acadêmicos, vestimentas que simbolizaram honra, pertencimento institucional e compromisso com a cultura regional.

A abertura oficial destacou a importância do momento para as letras do Noroeste de Minas. Compuseram a mesa diretora dos trabalhos a presidente da ALNM, professora Dra. Daniela de Faria Prado, e a vice-presidente e acadêmica Dra. Helen Ulhoa Pimentel, representando a comissão editorial formada também por Maria Célia da Silva Gonçalves, que não pôde estar presente, pela senhora Coraci Neiva e pelo acadêmico e diretor do Departamento Pedagógico José Ivan Lopes. Representantes das áreas de cultura, educação e turismo prestigiaram a solenidade, reafirmando o papel da Academia como guardião do pensamento, da arte e da identidade local.

Em clima de respeito e civismo, a cerimônia teve início com a execução do Hino a Paracatu, seguida da fala da presidente Dra. Daniela Prado, que ressaltou a missão da ALNM de preservar a memória, incentivar a produção intelectual e manter viva a força da palavra como instrumento de transformação social.

A nova edição da EntreLetras foi apresentada como fruto de um trabalho coletivo, construído com rigor, sensibilidade e compromisso editorial. A publicação reuniu crônicas, contos, poemas, relatos, homenagens e artigos científicos, compondo um mosaico plural que refletiu a diversidade de olhares e saberes que atravessaram a Academia.

Um dos momentos mais simbólicos da noite foi o ato solene de outorga das pelerines. Em gesto carregado de significado, a presidente Dra. Daniela de Faria Prado entregou a vestimenta à presidente emérita da ALNM, senhora Coraci da Silva



Neiva Batista, reafirmando a continuidade histórica da instituição e o respeito àqueles que ajudaram a construir sua trajetória. Homenagens especiais, como a dedicada à acadêmica Ruth Brochado, reforçaram o caráter afetivo e simbólico da cerimônia.

Na sequência, autores e autoras presentes tiveram a oportunidade de apresentar brevemente seus trabalhos publicados nesta edição. Abrindo o caderno literário, a jornalista Uldiceia Rigueti apresentou a crônica “Paracatu vive um dos grandes momentos da cultura”, seguida por textos que transitaram entre a memória afetiva, a tradição popular, as inquietações contemporâneas e a reflexão crítica. O caderno científico ampliou o alcance da revista, reafirmando seu compromisso com a educação, a pesquisa e o pensamento interdisciplinar.

Ao entregar a 7ª edição da EntreLetras ao público, a Academia reafirmou que escrever é, antes de tudo, um ato de fé, fé na palavra, no outro e na permanência da cultura. Cada página nasceu do desejo de tocar o leitor, despertar lembranças, provocar reflexões e manter viva a coragem de seguir escrevendo, mesmo diante das incertezas do tempo.

O encerramento da noite foi marcado por agradecimentos e pelo anúncio de que a revista passou a estar disponível gratuitamente no site da Academia de Letras do Noroeste de Minas, acessível a pesquisadores, estudantes, escolas, bibliotecas e ao público leitor em geral. Entre conversas, abraços e um coquetel de confraternização, a ALNM celebrou não apenas o lançamento de uma revista, mas a certeza de que a palavra, quando cuidada, permanece, como luz que não se apaga.

## Portal do Cemitério da Santa Cruz: a porta que guardava a memória

Entre a madeira, a pedra e o silêncio, um pórtico que narrava a história de Paracatu foi substituído, e com ele, parte da identidade da cidade

Há portais que não servem apenas para entrar. Servem para lembrar. O antigo portal do Cemitério da Santa Cruz, em nossa cidade, era um desses limiares simbólicos: uma fronteira entre o tempo dos vivos e a memória dos que ficaram na história. Ao atravessá-lo, não se cruzava apenas um espaço físico, mas um território de significados, tradições e identidade cultural.

Preservar o portal original do Cemitério da Santa Cruz sempre foi mais do que uma questão estética. Esses elementos arquitetônicos atuam como guardiões da memória coletiva, testemunhas silenciosas de uma cidade que se construiu entre o sagrado e o cotidiano. O portal era o primeiro registro histórico do cemitério, refletindo a cultura, os costumes e a sensibilidade de uma época em que a arquitetura dialogava com o sentimento.

Cemitérios não são apenas lugares de dor. São arquivos a céu aberto. O portal, em especial, marca o início dessa narrativa: anuncia respeito, solenidade e pertencimento. Muitas vezes concebidos como verdadeiras obras de arte, esses pórticos carregam esculturas, frontões, símbolos religiosos e técnicas construtivas que traduzem o valor artístico e arquitetônico de seu tempo.

O antigo pórtico do Cemitério Santa Cruz, tinha o “formato de uma casa”, evocava a ideia da última morada. Era uma imagem potente e delicada, profundamente conectada à arquitetura colonial e tradicional de Paracatu. Não era apenas uma entrada, mas um marco cultural que integrava o cemitério ao cenário histórico da cidade, cujo casario é reconhecido e tombado como patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN.

A substituição dessa estrutura por um portal mais simples representa mais do que uma mudança física: é um processo de descaracterização. Perde-se o diálogo com o conjunto histórico, apaga-se um símbolo e simplifica-se uma história que é, por natureza, complexa. O valor simbólico do antigo portal residia justamente nessa metáfora da casa, abrigo final, passagem respeitosa, continuidade da vida na memória.

Essa perda torna-se ainda mais sensível quando se recorda que o Cemitério Santa Cruz é o primeiro cemitério público de Paracatu, criado por volta de 1830. Ele marca uma transição histórica importante:



o fim dos sepultamentos no interior das igrejas e o início de uma nova relação da cidade com a morte, o espaço urbano e a saúde pública. Alterar sua estrutura original é interferir diretamente no registro visual dessa mudança histórica.

Exemplos como o portal do Cemitério da Saudade, em Piracicaba, com sua arte de influência alemã, mostram como esses elementos se tornam marcos identitários, referências afetivas e culturais para a população. Quando preservados, contam histórias. Quando substituídos, silenciam.

Mesmo diante da alteração já realizada, ainda há caminhos possíveis. A comunidade pode se mobilizar para reivindicar a reconstituição do pórtico original, a partir de fotografias e registros históricos, por meio da Prefeitura e da Secretaria de Cultura. Também é legítimo consultar o IPHAN, avaliando se a modificação respeitou as normas de preservação do conjunto tombado. Paralelamente, a divulgação de imagens antigas em grupos de memória local fortalece a consciência coletiva sobre o valor do que foi perdido.

Preservar não é congelar o passado, mas permitir que ele continue falando. A história de uma cidade não pode ser excessivamente simplificada sem que algo essencial se perca. O antigo portal do Cemitério da Santa Cruz era uma dessas vozes, e ouvir seu silêncio hoje é um convite à reflexão sobre o futuro da memória de Paracatu.

## Memórias do trânsito: A Habilitação para motorista na Paracatu de 1930

Por: Carlos Lima (\*Arquivista)

A Câmara Municipal, até o ano de 1931 e, após este período, a Prefeitura de Paracatu, eram responsáveis pela emissão da cader-

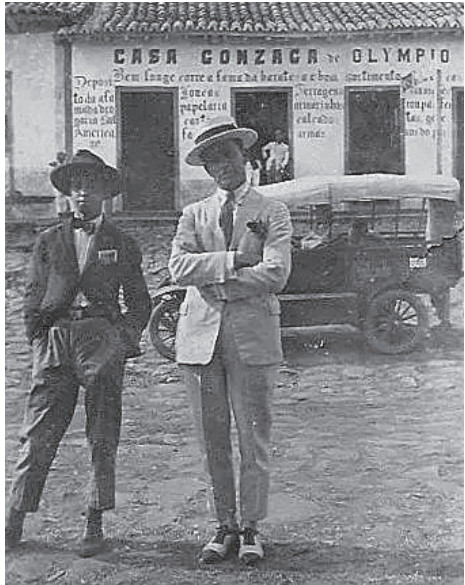


Imagem ilustrativa – Casa Gonzaga, do ilustre empresário e escritor, Olímpio Michael Gonzaga na Rua Goiás: Movimento veículos e pessoas era grande na afamada via no século passado

neta ou carteira de habilitação para motoristas, como revelam preciosas fontes históricas.

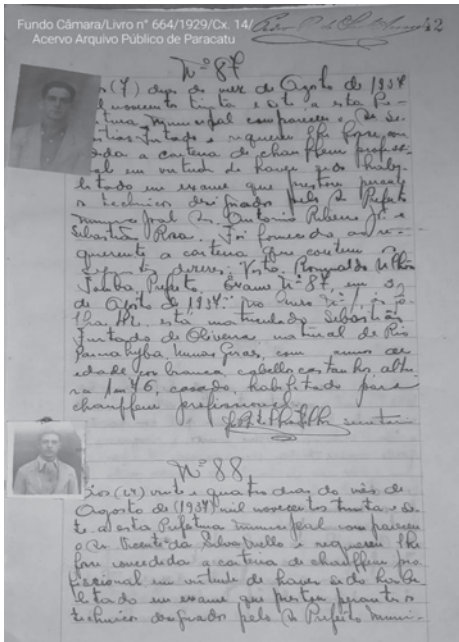


Imagem capturada do livro registro de cadernetas ou carteiras de motoristas nº 664 com abertura de janeiro de 1929

Os referidos órgãos, cada um ao seu tempo, realizavam os exames e expediam o

documento para as categorias chofer amador e chofer profissional. À época, a habilitação era obtida mediante requerimento formal junto à municipalidade, acompanhado de atestado de saúde (emitido por médico credenciado) e de boa conduta (emitido pelo subdelegado), matrícula para realização de exame de direção e matrícula em livro próprio para fins de registro.

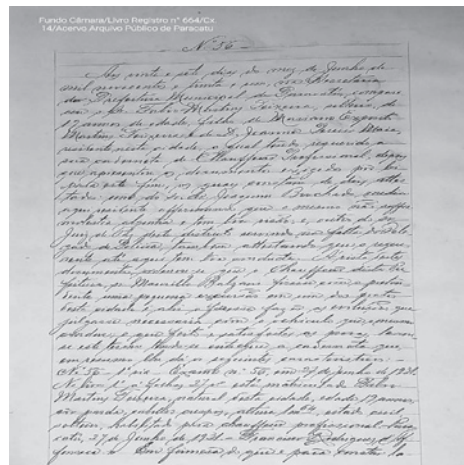
De várias cidades circunvizinhas, como, Unaí, Vila de Cristalina (hoje Cristalina-GO), Rio Paranaíba e São Gotardo, vinham interessados em tornarem-se chofer ou chauffer, como constata-se da leitura do curioso manuscrito relacionado ao assunto. As informações constam do livro registro de cadernetas de habilitação nº 664, com abertura em 1929, disponível para consulta no Arquivo Público de Paracatu, órgão ao qual compete a gestão documental do município. A facilidade com que se podia habilitar-se para a condução de veículos automotores, tanto na categoria de passeio ou de ofício, era uma característica notável daquele nostálgico tempo.

(\* Carlos Lima é graduado em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é Pós-Graduado em Oracle, Java

e Gerência de Projeto e é pesquisador da história e da cultura de Paracatu e publica seus artigos no site [paracatumemoria.wordpress.com](http://paracatumemoria.wordpress.com) e no Jornal O Lábaro.

### REFERÊNCIAS

CÂMARA MUNICIPAL. Livro Registro de Cadernetas de Habilitação nº 664, Cx. 14. Jan. 1929. 50 fls.



Trecho do livro de carteiras de motoristas nº 664 com abertura de janeiro de 1929: Detalhes sobre pré-requisitos para a habilitação do candidato encontram-se registrados no manuscrito



## Entre o café quente e o leite frio do mercado



No dia 15 de janeiro, Paracatu despertou com cheiro de café fresco e uma esperança compartilhada. Na sede da Loja da Veterinária da Coopervap, produtores de leite chegaram cedo para o acerto do leite, o primeiro de 2026. Foram recebidos por uma mesa farta, onde as quitandas tradicionais da cidade, bolos, pães de queijo, biscoitos e o cafezinho passado na hora, lembravam que, apesar das dificuldades, a hospitalidade do campo mineiro segue viva e resistente.

Entre conversas baixas e olhares atentos, circulavam números, preocupações e silêncios. O acerto do leite vai além de um encontro administrativo: é o retrato mensal da sobrevivência da agricultura familiar. E, neste início de ano, o retrato traz sinais de um período que exige cautela e resistência.

## Fé na Lida, Esperança no Horizonte

Coopervap inicia 2026 com diálogo franco, união e conhecimento para atravessar a crise do leite



O ano começou pesado para quem vive do campo, mas não sem propósito. Na primeira reunião do Comitê Educativo de 2026, a Coopervap reuniu produtores, dirigentes e técnicos para encarar a realidade do leite com palavras claras, espírito coletivo e a certeza de que a travessia se faz juntos.

Antes dos números, a oração. Um pedido simples por sabedoria, proteção às famílias e dias melhores. Um gesto que traduziu o sentimento do encontro: quando o mercado aperta, a fé sustenta.

Na sequência, a diretoria falou sem rodeios. O vice-presidente Lionel Oliveira lembrou que a crise não nasce na cooperativa, mas em um mercado pressionado por decisões externas e práticas desleais. Sustentar preços além do que o sistema comporta, alertou, colocaria toda a estrutura em risco.

O presidente Valdir Rodrigues reforçou o compromisso com a transparência. A cooperativa, disse, não é banco nem escu-



Minas Gerais, maior produtor de leite do Brasil, enfrenta uma crise que escorre lentamente pelos currais e pelas planilhas. O preço médio pago ao produtor caiu para cerca de R\$ 2,11 por litro, valor que, para muitos, não cobre sequer os custos de produção, comprometendo a continuidade da atividade.

Em Paracatu, naquela manhã, o café foi servido quente, como manda a tradição. O leite, porém, segue frio nas negociações. Ainda assim, entre uma quitanda e outra, permanece algo que não se importa nem se taxa: a persistência do produtor rural. Gente que, mesmo pressionada por números adversos, continua acreditando que o leite, alimento simples, essencial e cotidiano, volte a ter o valor que merece, não apenas na mesa do brasileiro, mas também na vida de quem o produz.

do contra o mercado, mas um instrumento coletivo que precisa ser preservado para seguir servindo a todos. Mesmo em tempos difíceis, destacou, a Coopervap mantém uma das melhores condições da região, sem recorrer a promessas fáceis.

O Comitê também escolheu seus representantes para o processo eleitoral, reafirmando a importância da participação e da voz de quem vive, todos os dias, a rotina da produção.

O encerramento trouxe o olhar técnico e o pé no chão. Em palestra sobre o planejamento da alimentação na seca, o pesquisador da Embrapa Cerrados, José Carlos Gonçalves da Rocha, lembrou que o produtor não controla o preço do leite, mas controla o cuidado com o rebanho, o uso do alimento e o desperdício evitado.

Ao final, ficou a mensagem que atravessou toda a reunião: tempos difíceis pedem gestão responsável, conhecimento e união. E, acima de tudo, fé para seguir na lida e esperança firme no horizonte.

## As Meninas Autistas de Laços de Fita



Na Escola Estadual Antônio Carlos, três meninas chamam a atenção não apenas pelos laços coloridos que adornam seus cabelos, mas pela forma singular e luminosa com que habitam o mundo. Rebeka, Thays e Rayssa são alunas da escola, são meninas pretas, são autistas, e são, sobretudo, portadoras de modos próprios de sentir, aprender e se expressar.

Os laços que usam, vermelho, amarelo e rosa, tornaram-se marcas reconhecíveis no cotidiano escolar. Mais do que enfeites, eles passaram a simbolizar diversidade, pertencimento e respeito às diferenças.

Rebeka, a menina do laço vermelho, tem olhar atento e curioso. Observa padrões onde muitos não veem nada: nas folhas caídas, no desenho das nuvens, no vai e vem das formigas no pátio. Fala pouco, mas quando fala, sua voz é firme e suave, como quem escolhe as palavras com cuidado. Seu laço vermelho parece se mover a cada descoberta silenciosa.

Thays, do laço amarelo, carrega a imaginação em estado de voo. Cria histórias, inventa músicas com batidas leves dos dedos e desenha mundos possíveis. Alterna momentos de quietude com sorrisos largos que iluminam a sala. O amarelo em seus cabelos reflete sua energia criativa, solar.

Rayssa, a menina do laço rosa, é feita de atenção aos detalhes. Percebe sons, cheiros e texturas que passam despercebidos aos outros. Gosta de abraços, quando são pedidos, e seu riso fácil contagia. O laço rosa parece traduzir sua doçura e sensibilidade.

Na escola, professores, colegas e funcionários aprenderam que cada uma ensina algo essencial:

Rebeka mostra que observar é uma forma profunda de compreender o mundo.

Thays revela que imaginar também é um jeito de aprender.

Rayssa lembra que sentir é outra maneira de enxergar.

Juntas, elas formam um arco-íris de talentos e sensibilidades.

Essa convivência ganhou ainda mais cor durante as atividades do projeto “Leitura na Praça”, desenvolvido pela escola. Foi ali, em meio a brincadeiras e leituras, que surgiu a figura simbólica do cachorro caramelo da praça, personagem que passou a integrar a narrativa construída pelas crianças. Encantado pelos laços coloridos, o cachorro aprende que cada laço reflete um jeito único de ser, e decide também usar um, celebrando a diversidade.

A história, inspirada na obra A Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Ma-

chado, foi adaptada pela educadora Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio com objetivo pedagógico. A proposta é clara: promover inclusão, representatividade de alunas pretas e conscientização sobre o autismo, de forma acessível, afetuosa e respeitosa.

Mais do que um texto literário, a iniciativa se transforma em prática educativa. Ao ocupar a praça, a escola ocupa também o espaço público com diálogo, empatia e aprendizado coletivo.

Desde então, quem passa pela praça já não vê apenas laços dançando ao vento. Vê histórias sendo contadas, identidades sendo afirmadas e uma mensagem simples, porém poderosa: a beleza está em cada jeito de ser, em cada cor de pele e em cada forma de sentir o mundo.

Os laços apenas tornam visível aquilo que já é bonito por dentro.

### Créditos

**Obra inspiradora:** A Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado

**Adaptação literária:** Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio

**Projeto pedagógico:** “Leitura na Praça” – E. E. Antônio Carlos, Paracatu (MG)

**Objetivo:** Inclusão, representatividade racial e conscientização sobre o autismo

**Apresentação da Autora** Professora habilitada em Magistério, Química, Física, Matemática, Arte e Teatro. Escritora, autora dos livros “Sementes de Amor” e “Meus Momentos”, além de participar de cinco antologias literárias. Desde 2016, é membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas. Atualmente, leciona Física na Escola Estadual Antônio Carlos e atua como Conselheira Estadual do SindUTE.

### POEMA: Escola que Abraça

**Autora: Maria Teresa O. Melo Cambrônio**

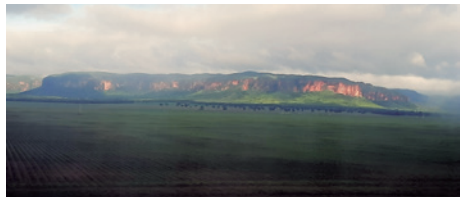
Na escola, cada olhar é um brilho,  
Cada passo, um novo caminho. Os alunos  
especiais são estrelas Que iluminam o saber  
com carinho. Há leitura na praça! Os pro-  
fessores, com mãos de ternura, Transformam  
desafios em conquistas. Plantam, acolhem,  
vendem sonhos E, com paciência, oferecem  
cura. Há leitura na praça! Na escola, fazem  
da sala um jardim, Da biblioteca, um ninho;  
Dos livros, o caminho, O espaço que inclui,  
E corações aprendem sorrindo. Há leitura  
na praça! Os alunos festejam com leitura,  
Que ideia boa! O resultado virá breve. Do  
saber ler aos saberes da vida.



# Travessia do Cerrado rumo ao Araguaia

Diário de bordo de uma viagem marcada por estradas, afetos e pertencimento

## Partida: o relógio marca 13h



No dia 20 de dezembro, às 13 horas em ponto, deixei a rodoviária de Paracatu levando na bagagem mais do que roupas e objetos: levava expectativas, saudades antecipadas e o desejo de reencontro. O destino era São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, um nome que já carrega rio, vastidão e promessa. Ia ao encontro da minha caçula, Clarinha.

Atravessamos o estado de Goiás, passando por Cristalina e Luziânia, até chegarmos a Brasília, onde trocaríamos de ônibus com destino a Goiânia. Ao chegarmos, a troca que deveria acontecer não se concretizou. Seguimos noite adentro, em baladas pelo desconhecido.

## Noite em movimento: quando a aflição encontra o alívio

Entre cidades que surgiam e desapareciam no escuro, lembro-me especialmente de Barra do Garças, já no Mato Grosso. A parada definitiva para a troca de ônibus seria em Água Boa. Foi ali que o inesperado nos alcançou.

Ao pedir ao motorista que retirasse minhas bagagens e as de minha filha, Ul-diele, ouvi a frase que ninguém quer escutar: – Não há mais bagagens no bagageiro.

O chão pareceu faltar. O desespero nos deixou imóveis.

Mas a estrada também ensina sobre encontros humanos. Um atendente de guichê, de simpatia rara, nos tranquilizou, dizendo que resolveria a situação. O outro motorista, solícito, abriu o bagageiro do ônibus seguinte e sugeriu que nossas malas poderiam estar ali, embora a confirmação só pudesse ocorrer em Ribeirão da Casca-lheira, cidade adiante.

Seguimos aflitas. Até que, enfim, ao chegar, corremos. Lá estavam as três bagagens. Inteiras. Fiéis.

O alívio foi quase um abraço coletivo. Seguimos viagem, agora mais leves por dentro.

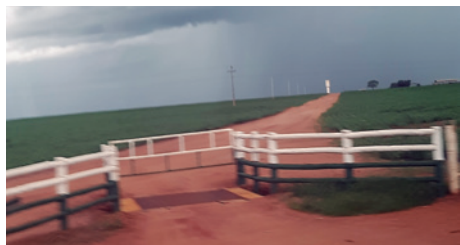
## Paisagens que contam histórias



Com o dia claro, o Brasil se revelou pela janela: céu azul, verde intenso, mas também um cerrado transformado. A soja domina o horizonte, o gado ocupa o espaço, e as matas aparecem raras, quase tímidas.

Entre cochilos, acompanhei a mudança das paisagens: estradas de terra, lama espessa, longas horas de viagem, paradas constantes, pessoas que entravam e saíam como capítulos breves de uma mesma história.

Em meio ao percurso, um acidente: uma carreta tombada, carregada de soja. Ao que tudo indicava, sem vítimas. Um



silêncio respeitoso tomou conta do olhar.

## Paradas que acolhem: a humanidade à beira da estrada

Ao longo do caminho, algo que me chamou profundamente a atenção foi a experiência nas rodoviárias e restaurantes de estrada. Em cada parada, fomos recebidas com uma hospitalidade simples e genuína, daquelas que não se anunciam, mas se percebem no cuidado.

Os banheiros, quase sempre limpos, organizados e surpreendentemente bem cuidados, revelavam um respeito silencioso por quem passa. Em muitos lugares, não se cobrava pelo uso, gesto pequeno, mas significativo para quem atravessa longas distâncias.

Nos restaurantes, o atendimento era direto e cordial, sem pressa. Comida farta, café quente, palavras gentis. A estrada, tantas vezes vista apenas como lugar de passagem, mostrou-se também um espaço de acolhimento e dignidade.

Esses detalhes, quase invisíveis, ajudaram a sustentar o corpo e o ânimo, lembrando que o Brasil profundo também se constrói nesses gestos cotidianos.

## Chegada: São Félix do Araguaia, 23h30

Chegamos ao destino às 23h30 do domingo. Na entrada da cidade, duas esculturas chamaram atenção: um enorme jacaré e um grande peixe de concreto, guardiões simbólicos daquele território ribeirinho.

Na rodoviária, um táxi nos aguardava. A cidade dormia. Silêncio absoluto.

Fomos direto para a casa da minha filha, que nos recebeu com uma sopinha quente e um coração transbordando saudade. Conversamos, tomamos banho e dormimos o sono dos justos, desses que só o reencontro proporciona.

## Um pouco de São Felix do Araguaia



Conhecida como uma das cidades mais acolhedora, turística, esportiva e cultural do Estado de Mato Grosso, a bela São Félix do Araguaia, com seus encantos naturais e praias de areia branca quilométricas, da pesca esportiva, da Ilha do Bananal com suas culturas indígenas, acolhedora e vitoriosa no esporte; desde janeiro deste ano iniciou mais uma etapa de transformação para receber em alto estilo turistas e visitantes que procuram a região para se divertir e descansar, principalmente nesse período de pesca esportiva, antes foram as grandes obras de pavimentação asfáltica da cidade que ainda segue a todo vapor, agora o embelezamento das ruas e praças da cidade com obras de artes.



## Dias de Araguaia: calor, chuva e pertencimento

A segunda-feira amanheceu em São



Félix com chuva, sol e calor, tudo ao mesmo tempo, como é próprio da região. Foi um dia de descanso.

À noite, celebramos com vinho, brindando aquele momento tão especial. Nos dias seguintes, conhecemos lugares e histórias, preparamos um almoço para a família de Mydideru, amiga de Clarinha, um encontro forte, verdadeiro, necessário.

Visitamos o Rio Araguaia: esplêndido, largo, cheio de memórias e narrativas ancestrais. Fomos a barzinhos, comemos peixe, conversamos com pessoas de alma aberta, daquelas que sabem o significado do bem viver.



## Natal coletivo: quando a família se amplia



O Natal chegou em forma de ceia coletiva, construída a muitas mãos. A decoração nasceu da colaboração de todos: cada pessoa levou um enfeite, um detalhe, um gesto. A árvore já chegou pronta, com seus adornos carregados de histórias e intenções.

As comidas, preparadas por várias mãos, misturavam sabores e afetos. Ninguém chegou de mãos vazias, porque todos queriam estar presentes de alguma forma.

Foi uma noite especial e calorosa, em que estranhos se tornaram próximos e a sensação era a de pertencer àquela família improvisada, mas profundamente verdadeira. A comemoração avançou madrugada adentro.

Depois do Natal, seguimos desfrutando do tempo em família, sem pressa, sem ruído, apenas presença.

## Aldeia e travessia: Ilha do Bananal



Na sexta-feira, dia 26, fomos conhecer a aldeia Santa Isabel, de nome indígena Hawaló, da etnia Iny Karajá. A travessia foi feita em canoa a motor e, confesso, deu medo estar no meio daquele rio majestoso.

A aldeia fica do outro lado do Araguaia, na Ilha do Bananal, já no estado do Tocantins. Fomos recebidas com generosidade para um almoço em família.

Pela primeira vez, experimentei carne de tartaruga. Confesso certa resistência, um misto de pena e estranhamento, mas acabei gostando. A amiga Mydideru nos presenteou com



artesanatos delicados, cheios de significado.

Assistimos a um jogo de futebol entre mulheres indígenas, sob um sol inclemente. Conhecemos os bichos de criação da aldeia e aprendemos sobre tradições ancestrais. Os ritos de passagem, por exemplo, envolvem o uso de penas de aves nativas, como araras, papagaios e mergulhão. A cultura se revela nos detalhes: cada gesto, cada objeto, cada ave carrega um significado profundo.

Voltamos para casa com o coração leve, cheio de carinho. À noite, praça, barzinho e descanso.

## Ruínas de um sonho: o Hotel JK

Descobri ali uma história que não conhecia: o Hotel JK, construído por

Juscelino Kubitschek, projeto ousado de Oscar Niemeyer, pensado como um balneário de luxo entre os rios Araguaia e Javaés, na Ilha do Bananal, no Tocantins.

Hoje, restam apenas ruínas. Há 36 anos, um incêndio destruiu tudo. Nunca houve reconstrução. O que sobrevive está guardado na memória dos mais antigos, lembranças de um hotel imponente, erguido no coração do Brasil profundo.

Hoje em dia, o terreno pertence a uma aldeia da tribo Karajá. Do outro lado do rio, em São Félix do Araguaia, um museu guarda uma pequena parte do que restou do hotel, de categoria internacional. Infelizmente, não tivemos a oportunidade conhecer porque estava fechado.

## Retorno: estrada, imprevistos e superação

No sábado, recebemos amigos para uma despedida afetiva: preparei um empadão mineiro, feito com cuidado e gratidão, para selar aquele ciclo.

No domingo, bem cedo, partimos de São Félix rumo a casa, levando o coração cheio de saudade, histórias e afetos. O ônibus saiu às 7h e, depois de percorrermos cerca de 90 km, começou a apresentar problemas. O motorista parou e notou problemas, seguiu um pouco mais adiante, mas logo constatou que não havia condições de continuar a viagem. O socorro chegou apenas três horas depois.

Por sorte, estávamos em uma pequena cidade, com restaurantes, onde pudemos almoçar e esperar com alguma tranquilidade.

Com o ônibus finalmente consertado, seguimos viagem até a próxima parada, onde houve a troca de ônibus, em Ribeirão da Casca-lheira. Ao chegarmos a Goiânia, nosso veículo com destino a Brasília já havia partido. No guichê, fomos realocadas em outro ônibus. Pouco depois, fomos paradas pela Polícia Federal e aguardamos mais um tempo para os procedimentos.

Em Brasília, a saída para nosso destino final atrasou quase duas horas; o motorista explicou que havia falta de ônibus devido ao fim de ano. Vida que segue.

Chegamos em casa na segunda-feira, 29 de dezembro, à noite, diferentes de quando partimos. Porque algumas viagens não terminam na chegada, nem se encerram no ponto final do mapa. Elas continuam vibrando dentro da gente, como o curso de um rio que, mesmo fora do alcance dos olhos, segue correndo largo, silencioso e insistente.

Em poucos dias, atravessamos cinco estados. Mas atravessamos também camadas de nós mesmas: medos, afetos, memórias, pertencimentos.

Voltamos com o corpo cansado e a alma alargada, levando no peito a certeza de que algumas travessias não nos levam apenas a um lugar, elas nos devolvem a nós mesmas.





PREFEITURA  
**PARACATU**  
O TRABALHO É A NOSSA FORÇA

**A NOSSA UTI  
ESTÁ ENTRE AS  
50 MELHORES  
DO BRASIL**

**SOMOS A  
9ª ECONOMIA  
DE MINAS**

# PARACATU FAZ HISTORIA

**NOSSO HOSPITAL  
TEM A MENOR TAXA  
DE MORTALIDADE DE  
MINAS GERAIS.**

**ESTAMOS ENTRE OS  
MAIORES GERADORES  
DE EMPREGOS  
DE MINAS**

**SOMOS O MAIOR  
PRODUTOR DE  
FEIJÃO DO BRASIL**



Mais  
*que um*  
**BANCO**  
a nossa cooperativa  
**de crédito!**



**SICOOB CREDICOPA**

Cooperativa de Crédito



@sicoobcredicopa